
Altas Habilidades/Superdotação e família: resiliência e criatividade

High abilities/giftedness and family: resilience and creativity

60

Recibido: 01/11/2021

Aprobado: 20/12/2021

Paula Mitsuyo Yamasaki Sakaguti¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar reflexões sobre a relação entre criatividade e resiliência na *família superdotada*. A investigação foi realizada com 15 estudantes que participam das salas de recursos do Atendimento Educacional Especializado da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, Paraná, Brasil e com suas respectivas famílias. As Escalas de Qualidade na Interação Familiar (EQIF para crianças e adolescentes) e a Escala de Resiliência para Crianças e Adolescentes (ERCA) foram aplicadas aos estudantes; enquanto que os pais participaram de uma entrevista com roteiro semiestruturado e EQIF para pais. Após análise qualitativa dos dados, utilizando as categorias conceituais do Sistema Teórico da Afetividade Ampliada (STAA), observou-se que, em sua maioria, os alunos apresentaram alta capacidade de resiliência, ou seja, de acentuada capacidade de enfrentar adversidades; indicadores dos construtos de resiliência/criatividade foram observados no modo como os pais e familiares lidam com as dificuldades. Os resultados indicaram mais atributos de resiliência/criatividade em famílias com interações qualitativamente positivas do que em famílias com interações qualitativamente inconsistentes ou precárias. Desse modo, conclui-se que a qualidade das interações vivenciadas e disponibilizadas no ambiente familiar são primordiais, afetando a construção de recursos para o enfrentamento de adversidades e para a constituição de identidade saudável de pessoa com Altas Habilidades/Superdotação.

Palavras-chave: altas habilidades/superdotação, família, criatividade, resiliência.

Abstract

The present work aimed to present reflections on the relationship between creativity and resilience in the *gifted family*. The investigation was carried out with 15 students who participate in resource rooms of the Specialized Educational Program of the Municipal Teaching Network of Curitiba, Paraná, Brazil and their respective families. The Quality Scales in Family Interaction (EQIF for children and adolescents) and the

¹ Doutora em Educação (Universidade Federal do Paraná). Membro do LAPEAHS (Laboratório de Pesquisas, Políticas e Práticas Educacionais em Altas Habilidades/Superdotação). E-mail: paulasakaguti@gmail.com ORCID: 0000-0002-8800-457X

Resilience Scale for Children and Adolescents (ERCA) were applied to students; while parents participated on a semi structured interview script and EQIF for parents. After qualitative analysis of the data and using of the conceptual categories of the Theoretical System of Extended Affectivity (STAA), it was observed that the majority of students presented high resilience, that is, with an accentuated ability to face adversity; indicators of resilience/creativity have been observed in the way parents and family deal with difficulties. Results showed more attributes of resilience/creativity in families with qualitatively positive interactions than in families with qualitatively inconsistent or precarious interactions. Thus, it's concluded that the quality of interactions experienced and made available in the family environment are essential, affecting the construction of resources to face adversity and to build a healthy identity of a person with High Abilities/Giftedness.

Keywords: high abilities/giftedness, family, creativity, resilience.

Introdução

Obstáculos, pressões, mudanças ou desafios são vivenciados, de alguma forma, no transcorrer da vida. O diferencial está no modo como as pessoas lidam com estes eventos estressores. A capacidade de criar estratégias diante de adversidades e de se fortalecer com esta (re)organização e a criação de alternativas para busca de saídas certamente caracterizam a capacidade de resiliência e da criatividade.

A noção de resiliência, advindo, originalmente no âmbito da Física e da Engenharia, atualmente é apresentado pela literatura das Ciências Sociais e Humanas como a capacidade do sujeito de lidar com as situações de tensão e/ou crises diversas e, além disso, sobrepondo-as como oportunidade de fortalecimento e de crescimento. A partir dos pressupostos do Sistema Teórico da Afetividade Ampliada (STAA) desenvolvido pelos pesquisadores brasileiros Helga Loos-Sant'Ana e René Simonato Sant'Ana-Loos, este conceito inicial de resiliência é compreendido em um sentido ampliado como sendo a dimensão criativa que capacita a criação de novos e diferentes recursos e estratégias acionando a criatividade, postulando ainda que não existe resiliência sem criatividade e vice-versa (Sant'Ana-Loos & Loos-Sant'Ana, 2013 a, b, c, d).

Assim sendo, para Sant'Ana-Loos e Loos-Sant'Ana (2013d), a resiliência é concebida como a dimensão criativa da psique caracterizando-se pela capacidade de criar recursos diante de situações adversas e dificuldades vivenciadas. Tais adversidades poderão ter caráter destruidor ou fomentador no desenvolvimento. Pois tudo dependerá dos recursos já disponibilizados pela pessoa no transcurso de sua vida. Este "banco de recursos" é construído por meio da interação com pessoas próximas e significativas, como por exemplo, os pais, os colegas e professores.

Neste sentido, a importância da família na criação de autoimagem positiva que a pessoa constrói de si mesma como alguém capaz, amada, competente para suplantar os obstáculos é, sem dúvida, fundamental no desenvolvimento da resiliência. Sant'Ana-Loos e Loos-Sant'Ana (2013d) defendem a tese de que é necessário explorar com maior profundidade o real sentido do conceito de *interação*, sem perder de vista, contudo, a subjetividade do indivíduo

Em outras palavras, é preciso considerar a qualidade das interações (afetividade) a partir de uma perspectiva interacional, mas sem perder de vista o pertencimento do todo no qual a pessoa com AH/SD está inserida sob a influência de fatores históricos, culturais, de personalidade e da inter-relação de suas peculiaridades individuais com o meio que o circunda. Visto que, frequentemente na cultura acadêmica se ensina a analisar e a interpretar os fenômenos e fatos de modo fragmentado e isolado, não analisando de modo apropriado as inter-relações entre os diferentes e diversos aspectos que compõem o desenvolvimento da pessoa como um todo. Note que esta fragmentação contraria a visão da realidade de forma integradora e contextual.

Dito isso, o presente estudo objetiva-se a apresentar dados empíricos sobre a identidade da família superdotada a partir da correlação de dois constructos, a saber: a resiliência e a criatividade. A expressão família superdotada é utilizada neste trabalho para caracterizar a identidade da família que apresenta, entre seus membros, pelo menos uma pessoa com Altas Habilidades/Superdotação vivenciando as demandas desta condição de ser e da interação proporcionada pelo contexto familiar. Pois, tanto os filhos são afetados pelos sentimentos, valores, concepções de superdotação e expectativas de seus pais, quanto a dinâmica familiar é afetada pelas demandas e solicitudes apresentadas pelos mesmos.

Pois bem, a estrutura deste trabalho conta com seis seções a saber: na primeira seção apresenta-se a Introdução do trabalho, procurando situar o leitor quanto à temática, os pressupostos e o objetivo do trabalho; em seguida, na segunda seção apresenta o Marco Teórico, iniciando-se pelo conceito de estudantes com Altas Habilidades/Superdotação, seguida pelos constructos da resiliência e da criatividade e pela definição de família superdotada. A terceira seção descreve a Metodologia utilizada na realização do trabalho. A quinta seção apresenta a Discussão dos Resultados obtidos e encerrando com a sexta seção das Considerações Finais.

Estudantes com altas habilidades/superdotação

Estudantes com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) sempre chamaram a atenção da sociedade por sua potencialidade acima da média em comparação com seus pares etários. Despertaram admiração ou estranheza por suas ideias e produções consideradas criativas, inteligentes ou inapropriadas. A invisibilidade, valorização ou negação das capacidades por eles próprios e pelas pessoas dos diversos ambientes onde estão inseridos, dependerá da qualidade interacional que vivenciam nestes contextos de desenvolvimento (família, escola, comunidade, colegas etc.).

Por destoar da maioria de seus colegas etários pela profundidade e intensidade com que manifesta as suas potencialidades, a pessoa com AH/SD acaba necessitando lidar com estas diferenças. A este respeito, Zeidner e Shani-Zinovich (2013) demonstraram que os superdotados têm mais resiliência para lidarem com situações adversas, desafiadoras e afazeres de seu cotidiano quando comparados com seus pares não-identificados com AH/SD.

Em ambientes providos de estímulo e de alteridade, possivelmente a potencialidade de estudantes com AH/SD não passará de forma despercebida. Os

achados longitudinais de Freeman (2014) evidenciaram elevados escores em intuição nos resultados de testes psicológicos em estudantes superdotados o que demonstrou que foram significativamente diferentes da população em geral.

Desta forma, constitui um grupo bastante heterogêneo em seu conjunto caracterizado pela variabilidade de características, com diferentes estilos, interesses e capacidades caracterizando sua singularidade e heterogeneidade (Smutny, 2011; Virgolim, 2007 a).

Inclusive, Smutny (2011) ressalta a heterogeneidade deste segmento da população, afirmando que muitos estudantes altamente sensíveis e intuitivos têm a tendência de mostrarem interesse por questões filosóficas precocemente, antes dos pares de sua idade; assim como ficam paralisados pela intensidade de seu sentimento diante de injustiças e atos de crueldade; são crianças altamente sensíveis e compassivas com os outros, particularmente com aqueles que são maltratados ou infelizes. Além disso, apresentam capacidade de assumir posições contrárias dos demais; têm alto desenvolvimento moral e fortes convicções sobre os princípios fundamentais (por exemplo, o direito a um julgamento justo), dentre outras situações indicadoras de alta sensibilidade.

Ainda em relação à heterogeneidade, sobre a variabilidade de características, Ourofino e Guimarães (2007, p.49) destacam que é “compreensível que profissionais, família e escola encontrem dificuldades em oferecer condições que favoreçam o desenvolvimento pleno” destas crianças.

Concordando com Virgolim (2010, p. 5), quando uma criança “apresenta um alto nível de desenvolvimento cognitivo, ao ponto de se colocar em um patamar diferenciado com relação a seus pares, suas necessidades sociais e afetivas tornam-se diferenciadas também”.

Pesquisa realizada por Sakaguti (2017) ressaltou que em famílias com interações qualitativamente positivas, isto é, em famílias onde predominam indicadores de relações positivas, harmônicas, estáveis, plenas de confiança e manifestações de alteridade, preponderam o reconhecimento da heterogeneidade, das diferenças que constituem este grupamento de pessoas com AH/SD.

Vale frisar que esta heterogeneidade é apresentada por uma constelação de características e necessidades específicas (Fleith, 2007; Sabatella, 2013; Prieto & Castejón, 2000; Freeman & Guenther, 2000). Chamam a atenção pela sua notável capacidade cognitiva, precocidade, fúria em dominar o conhecimento e quererem aprender, conforme obra clássica de Winner (1998). No entanto, diferem entre si quanto às suas habilidades, interesses específicos, processos de aprendizagem e, desta forma, demandam diferentes respostas educativas para atendimento de suas especificidades (Ferrándiz et al., 2010; Almeida & Oliveira, 2010).

A definição brasileira para AH/SD na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva – MEC apresenta a influência dos pressupostos filosóficos de Joseph Renzulli:

Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (Brasil, 2008, p.15).

É interessante observar que as famílias de crianças com deficiência, como bem pontua Delou (2007), historicamente conquistaram uma rede de apoio com profissionais da área de saúde, da educação e de programas de estimulação precoce desde tenra idade da criança. Ressalta-se ainda que crianças que constituem o público da Educação Especial são, conforme May (2000), significativamente diferentes da norma. Tal situação não é diferente com a família de crianças superdotadas que também vivenciam o impacto do reconhecimento e da descoberta das diferenças.

Esta percepção de que o desenvolvimento do filho é diferente acompanha os pais desde os primeiros anos de vida da criança. As famílias de crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento AH/SD vivenciam experiências peculiares e similares em relação à busca de apoio para atendimento das demandas e necessidades dos filhos. E no caso da família de pessoas com AH/SD também há características que se expressam pela sensibilização e envolvimento familiar, pelas expectativas, atitudes e crenças parentais a respeito do desempenho, do tempo e da provisão de recursos em atenção às altas habilidades de seus filhos, além de outras especificidades que fazem parte do dinâmico funcionamento da mesma no desenvolvimento de processos de resiliência, tema que será apresentado na sequência.

Criatividade, resiliência e *família superdotada*

Conforme Loos, Sant'Ana e Nuñez-Rodríguez (2010, p.155), a “resiliência pode ser vista como uma capacidade latente nos indivíduos, porém esta somente será desenvolvida a partir de certas qualidades do meio, em especial dos processos interativos entre os seres humanos”. Como já apontado inicialmente neste trabalho, é de fundamental importância a compreensão sobre o real sentido das interações nos processos de superação das adversidades. Para os mesmos autores, usualmente a literatura da área sobre resiliência toma como foco de discussão deste conceito o enfrentamento às adversidades.

Grotberg (2002, p. 20) conceitua a resiliência como a “capacidade humana para enfrentar, sobrepor-se e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade”.

Pela alteridade, ou seja, pelo *feedback* do outro mais próximo, o sujeito exercita a capacidade de ser resiliente, reconhecendo-se como alguém criativo e capaz de enfrentar as dificuldades. Neste sentido, é primordial o papel da rede de apoio que pais de crianças superdotadas possam encontrar na escola e na sociedade em geral. Famílias que possuem conhecimento e recebem algum tipo de orientação ou de informações podem ter melhores condições de beneficiar o potencial e o processo educacional de seus filhos. Certamente este fator estará atrelado ao sistema de valores, à rede de crenças de autorreferência dos pais assim como na busca de conhecimento para a compreensão das necessidades educacionais especiais e o real sentido das interações.

Para Silva (2014), as crenças autorreferenciadas – a saber, o autoconceito, a autoestima, a autoconfiança e a autoeficácia que o sujeito tem de si mesmo – corroboram a capacidade de resiliência que tem de si mesmo ao considerar-se como alguém capaz, valorizado e competente para superar os problemas e, além disso,

para não se sucumbir diante das adversidades, caso não tenha recursos para enfrentá-las.

Muitas vezes, os pais podem vivenciar a experiência de verem os seus filhos com indicadores de altas habilidades sem o devido atendimento na escola e, somado a esta situação, se sentirem impotentes por não proverem o suficiente em casa para responderem a necessidade de estímulo que demandam. Este tipo de concepção parental sobre o papel que exercem enquanto pais e mães de crianças com AH/SD e o modo como interpretam os comportamentos de superdotação de seus filhos afetam as interações familiares. Para o STAA, estas dificuldades e o caos interno vivenciado pelos pais e filhos pode ser visto também como uma oportunidade para o desenvolvimento de recursos internos e externos na busca de uma saída em prol da harmonia nas interações.

Silva (2014, p.152) ressalta os pressupostos do STAA advogando que uma situação adversa se torna presente toda vez que uma pessoa não possua “recursos cognitivo-emocionais consolidados para enfrentar esse novo evento. Se possuísse tais recursos, obviamente a situação não seria considerada adversa ou desafiadora para ele”. A mesma autora salienta ainda que é a partir dos recursos internos disponibilizados pela alteridade, que o sujeito desenvolve a capacidade de olhar para uma situação adversa sob diferentes pontos de vista e, numa perspectiva integradora, vislumbra diferentes saídas e a escolha da opção mais relevante.

De acordo com estudos desenvolvidos por Pérez (2015, p. 89) “tanto para a construção de qualquer identidade como para o desenvolvimento das Altas Habilidades/Superdotação, são tão importantes os elementos íntimos de cada um quanto o apoio do ambiente”. A mesma autora ressalta que, para estas pessoas “os modelos adotados por cada um e as ofertas afetivas, sociais e culturais do ambiente são essenciais para que [...] possam construir suas identidades como tais” (*ibidem*, 89).

Cabe ressaltar que na pesquisa de Pérez (2015) todas as participantes conseguiram alcançar níveis elevados de escolaridade, independentemente de sua origem socioeconômica, destacando-se a relevância da resiliência como suporte.

Numa perspectiva ampliada de resiliência, Landau (2002, p.207) considera a criatividade não como um estado, “mas uma atitude frente à vida e à sobrevivência”. A criatividade diz respeito aos traços que englobam curiosidade, flexibilidade, originalidade do pensamento, estando o indivíduo aberto ao novo e diferente, disposto a correr riscos no pensamento e na ação, apresentando sensibilidade à estética das ideias e das coisas, questionando as convenções sociais e as tradições (Renzulli & Gaesser, 2015; Renzulli & Reis, 1997). Deste modo, observa-se na confluência entre superdotação, criatividade e resolução de desafios, ou seja, a resiliência.

Em pesquisas realizadas por Landau sobre a correlação entre maturidade emocional, inteligência e criatividade em crianças superdotadas, as evidências revelaram que “a superdotação é condicionada não só pela alta inteligência, mas também pela maturidade emocional, e que a interação entre ambas facilita o comportamento criativo ou a atualização de toda a personalidade” (LANDAU, 2002, p.52)

A capacidade de resiliência demanda a necessidade da presença do outro e de relações alteras no transcórre do desenvolvimento, possibilitando-lhe a construção

de recursos internos necessários, ou “suportes de resiliência”, a fim de que, diante de situações desafiadoras, não seja corrompido o ser-próprio da existência (Loos; Sant’Ana; Nuñez-Rodríguez, 2010). Paludo e Virgolim (2017, p.10957) ressaltam a influência do contexto social no processo de formação da identidade da pessoa com AH/SD, destacando que “as condições sociais, em harmonia com as internas do próprio indivíduo, é que constituem o ser”.

Desta forma, o STAA compreende o constructo resiliência em uma dimensão ampliada, que engloba a noção de criatividade. Quando um sujeito se encontra numa situação que se configura como adversa ou desafiadora, isto geralmente produz muita ansiedade e angústia. Isso acontece porque as soluções rotineiras não são suficientes para resolver tal questão e os recursos psicológicos do sujeito já construídos não dão sustentação na resolução do problema, muitas vezes por ser uma circunstância nova ou que nunca foi enfrentada.

A resiliência é, por excelência, a capacidade de se “estender”, se expandir, de se abrir, posto que, ao buscar soluções para enfrentar qualquer situação nova ou desafiadora, o indivíduo depara-se com a exigência, incondicional, dessa abertura – para novas (re)organizações, para a criação de novos formatos, novas configurações, conforme as situações e as interações demandarem (Sant’Ana-Loos & Loos-Sant’Ana 2013c)

Esta situação exige a criação de novos recursos, requerendo que a pessoa consiga superá-los sem ultrapassar seus próprios limites e “se romper”, colocando em ação a criatividade (Souza. Loos-Sant’Ana & Sant’Ana-Loos, 2013).

Observa-se que as peculiaridades apresentadas por pessoas que têm resiliência também podem ser utilizadas para descrever as pessoas com AH/SD, assim como em relação às características de famílias que promovem a superdotação e resiliência. Bland e Sowa (1994) constataram que o desempenho acadêmico e as atividades culturais são comumente encorajadas em famílias de superdotados, bem como de crianças resilientes. Ambas as famílias contribuem para modelar comportamentos para a produção criativa, o comprometimento com a tarefa, a capacidade de sonhar, de estabelecer metas e de se adaptar.

A família, assim como a escola, os pares, a sociedade e toda a rede de apoio como um todo, exercem papel fundamental no processo de desenvolvimento da criança com AH/SD. A disposição do ambiente familiar é diferente quando há entre seus membros uma pessoa vivenciando as demandas da condição de superdotação.

A maternidade ou a paternidade, qualidade de ser mãe ou pai, são experiências construídas e aprendidas no processo de desenvolvimento do filho – diz a cultura popular de que os filhos não vêm com manual de instrução – sendo que, na interação com os filhos em suas demandas, afetam-se mutuamente influenciando toda a dinâmica familiar.

Nesta perspectiva relacional, Sakaguti (2017) utiliza a expressão *família superdotada* para configurar a identidade da família que apresenta pelo menos uma pessoa com AH/SD em seu meio, com características próprias à condição de superdotação. Os conteúdos disponibilizados pelos pais desde tenra idade da criança, em uma interação familiar predominantemente saudável, atuam para possibilitar vínculos seguros que permitirão às mesmas construir recursos internos para lidar com dificuldades ou com circunstâncias de adversidade e o mesmo ocorre

inversamente em interações familiares precárias e inconsistentes. A mesma autora ressalta que os filhos são afetados pelos sentimentos, sistema de crenças e de valores de seus pais ou cuidadores, assim como toda a organização familiar é afetada pelas demandas apresentadas das necessidades educacionais especiais dos filhos.

Nesta direção, Sakaguti e Bolsanello (2013, p.79) salientam que:

A família, em suas diversas configurações, constitui um dos pilares na formação e no desenvolvimento biopsicossocial de toda criança, e como tal, necessita ser conhecida e compreendida. Em qualquer intervenção escolar a ser realizada com uma criança com necessidades educacionais especiais é importante considerar os diversos contextos de aprendizagem que interferem no processo, dentre os quais o familiar.

A literatura da área da superdotação traz referências à identidade da *família superdotada* e da necessidade de apoiar esta área da educação especial. Por exemplo, a investigação de Sakaguti (2010) realizado com pais de crianças inseridas em programas de Salas de Recursos, na análise qualitativa dos dados pontuou que os pais:

(a) perceberam características indicadoras de superdotação desde os primeiros anos do desenvolvimento dos filhos; (b) apresentaram reações de pavor, preocupação, incerteza, culpa, responsabilidade, medo, alívio e insegurança, quando foram informados sobre a superdotação dos filhos; (c) compartilharam e dialogaram com pessoas próximas ao convívio familiar e escolar sobre as características observadas em seus filhos quando ainda pequenos, em busca de apoio, informação ou indicação de locais de serviço especializado;

Estudos clássicos da área da superdotação como a de Escribano (2003), se refere ao clima psicológico de uma família no qual há um de seus membros com AH/SD, como propício e positivo; com práticas parentais flexíveis e sensíveis às demandas apresentadas por esta condição; demonstram aceitação, valorização e altas expectativas. Assim como a de Winner (1998), que descreve um dos aspectos comuns entre pais de crianças superdotadas: a vivência da intensidade e da precocidade apresentadas por seus filhos. A mesma autora destaca ainda que é neste contexto familiar que os primeiros indicadores de superdotação são reconhecidos. Visto que antes dos cinco anos de idade, os pais ou cuidadores percebem comportamentos atípicos relacionados à precocidade e à superreatividade.

As pesquisas realizadas por Olszewski-Kubilius, Lee e Thomson (2014) examinaram a relação entre o ambiente familiar e a competência social de estudantes com AH/SD que avaliaram suas famílias como coesas e flexíveis, com altos níveis de satisfação e de comunicação entre os membros da família, muito semelhante aos resultados apresentados pelos próprios pais. A avaliação que os filhos fizeram de suas famílias demonstrou ser boa preditora de suas relações inter e intrapessoais.

Sendo a resiliência, por excelência, a capacidade de se distender, se expandir, de se abrir, visto que, ao buscar saídas para solucionar qualquer situação nova ou desafiadora, o sujeito depara-se com a exigência de criar novas (re)organizações, para a elaboração de novos formatos, novas configurações, isto é, colocar em prática a criatividade (Sant'Ana-Loos e Loos-Sant'Ana, (2013c), este constructo resiliência está muito presente na literatura sobre as AH/SD (Ourofino; Guimarães, 2007; Tieso, 2007; Virgolim, 2007 a; Freeman, 2014).

Há que se atentar em relação às expectativas de pais e familiares na busca de enquadramento do filho nos padres de normalidade, constituindo-se como fator de risco ao desenvolvimento de desajustes socioemocionais percebidos pelos pais como indicador de problemas de relacionamento ou de desajustamento social. As qualidades como liderança, capacidade de persuasão, senso de justiça, são apontadas erroneamente como dificultadores de relacionamento interpessoal na escola e na família por levarem a situações de confronto que são consideradas como falta de respeito.

Estes problemas podem surgir a partir da inadequação do contexto social, cultural e afetivo em responder as especificidades dos sujeitos (Ourofino & Guimarães, 2007).

Renzulli (2004), notável pesquisador da área da superdotação, descreve a criatividade como sendo um dos traços que definem o comportamento de superdotação, conjuntamente com a habilidade acima da média e o comprometimento com a tarefa.

Para o STAA não há resiliência sem criatividade e vice-versa. Nesta direção, estudos desenvolvidos por Oliveira e Nakano (2011) relacionam os dois construtos, resiliência e criatividade, que poderiam ser utilizados por indivíduos na busca de respostas mais adaptadas diante de um ambiente desfavorável.

A modificação, transformação e/ou superação das situações adversas requerem, normalmente, movimentos que redimensionem e redirecionem os problemas. Isto é, faz-se necessário que o sujeito teça um movimento “elástico” ou de suspensão ou sustentação ativa, o que implica se colocar em outro lugar ou em outros papéis, fazer uma nova contextualização do problema, abstrair uma ou várias percepções dele e voltar ao seu estado melhorado, agora de forma melhorada, com mais recursos desenvolvidos (Paludo; Loos-Sant’Ana & Sant’Ana-Loos, 2014, p. 102).

A resiliência familiar é frequentemente representada pelo sucesso no enfrentamento de adversidades pelos membros familiares (Rooke; Pereira-Silva, 2016). Comumente se tem relacionado como situações adversas na família agravadas pelo luto e dificuldades diante da pandemia de COVID-19, aos desafios do nascimento de um filho, a tensão familiar para lidar com a sua adolescência, o desemprego, a violência doméstica, os estágios da fome, dentre outros fatores considerados de risco para o desenvolvimento dos filhos.

Na discussão da qualidade dos contextos de desenvolvimento e resiliência, “a interrelação entre os fatores de risco dá origem aos mecanismos de risco e entre os fatores de proteção originam as redes de proteção” (Murata, 2013, p.27). A mesma autora aponta como alguns dos exemplos de fatores de proteção para as crianças e adolescentes os apoios e suportes sociais e ambientais (bom relacionamento com os pares, professores); os fatores pessoais como o sistema de crenças positivo e as habilidades sociais; e os fatores familiares que incluem, dentre outros aspectos, suporte emocional, existência de regras e respeito mútuo. Sendo que a ausência de uma rede de apoio gera angústia, sofrimento, constituindo-se como fator de risco ao desenvolvimento, bem-estar e qualidade de vida.

O STAA concorda com este argumento, mas, amplia a compreensão sobre fatores de risco e de proteção, pois entende que a incapacidade do meio em responder às necessidades de desenvolvimento da pessoa com AH/SD é também fator de risco

para que emergjam problemas, descompassos e desajustes afetivo-emocionais. Outrossim, as crenças de autorreferência positivas construídas a partir destes processos relacionais funcionam como fatores de proteção.

Diante disso, é fundamental o papel da família superdotada e de práticas parentais autorizativas, participativas na formação de recursos para o desenvolvimento da alteridade e da resiliência. Freeman (2014, p.579) destaca o papel dos lares emocionalmente apoiadores na constituição do ser, nas palavras da mesma autora, de “uma educação que atenda a seus potenciais, oportunidades para florescer e pessoas que acreditem neles”.

Metodologia

A presente pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná-UFPR é parte integrante de uma tese de doutorado. O recorte elegido para o capítulo em questão tem como objetivo analisar a identidade da *família superdotada* a partir da correlação de dois constructos: a resiliência e a criatividade.

O estudo, de natureza qualitativa, teve como local de realização as cinco Salas de Recursos para Altas Habilidades/Superdotação inseridas em três Centros Municipais de Atendimento Especializado (CMAEs). Vale destacar que uma equipe multiprofissional da rede municipal de ensino atua juntamente aos CMAEs realizando avaliações psicoeducacionais e atendimento terapêutico e educacional para estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista, dificuldades de aprendizagem e altas habilidades/superdotação. As salas de recursos para estudantes identificados com altas habilidades/superdotação proporcionam situações de enriquecimento extracurricular a partir dos interesses e habilidades em período contraturno da escolarização de seu alunado.

A pesquisa foi organizada em duas etapas. A primeira etapa contou com a participação de 58 estudantes matriculados nas Salas de Recursos para Altas Habilidades/Superdotação que apresentaram o desejo de tomar parte da pesquisa e cujos pais ou responsáveis concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo que cerca de 80% do gênero masculino. A segunda etapa constituiu-se de 15 estudantes e suas respectivas famílias para Estudo de Caso.

Na primeira etapa, aplicou-se o instrumento Escalas de Qualidade na Interação Familiar (EQIF para crianças e adolescentes) de Weber, Salvador e Brandenburg (2009). Este instrumento foi escolhido para mapear dados referentes à percepção da qualidade das interações familiares por meio do relato dos filhos/estudantes e com as quais foram levantadas as categorias para análise da identidade da *família superdotada*. Este instrumento consiste em 40 questões com respostas que variam em uma escala de cinco pontos (nunca, quase nunca, às vezes, quase sempre, sempre), agrupadas em nove subescalas, sendo que seis delas abordam aspectos da interação familiar considerados “positivos” (envolvimento, regras e monitoria, comunicação positiva dos filhos, clima conjugal positivo, modelo parental, sentimentos dos filhos) e três referem-se aos aspectos considerados “negativos” (clima conjugal negativo, punição corporal, comunicação negativa).

Após aplicação de EQIF para crianças e adolescentes e com base nos resultados da escala, organizaram-se dois grupos: um dos grupos formado por crianças inseridas em famílias com interações qualitativamente positivas, e outro por crianças em famílias com interações predominantemente precárias – tendo em vista que a presente pesquisa se debruça sobre a qualidade das interações familiares.

Foram escolhidos os seguintes critérios para a formação dos dois grupos: 1) para as famílias com predomínio de interações qualitativas precárias ou inconsistentes foram analisados os maiores resultados que indicaram presença de punição física, clima conjugal negativo, comunicação negativa; 2) para a formação do grupo de famílias com predomínio de interações qualitativamente harmônicas e positivas foram contemplados os escores nas escalas de comunicação positiva e clima conjugal positivo. Deste modo, a partir dos critérios expostos, foram selecionados 15 estudantes e respectivas famílias para a segunda etapa da pesquisa que consistiu em estudos individualizados.

Para acessar o nível de resiliência/ criatividade das crianças, foram utilizados os seguintes instrumentos: *Escala de Resiliência para Crianças e Adolescentes – ERCA* de Sandra Prince-Embury (Barbosa, 2008). Este instrumento busca avaliar os atributos pessoais constituintes do processo de resiliência, sendo formada por três subescalas, a saber: reatividade emocional, controle e capacidade de relacionamento, com cinco alternativas de escolha que variam de 0 (nunca), 1 (raramente), 2 (às vezes), 3 (frequentemente) a 4 (quase sempre).

Com os pais dos 15 estudantes foi aplicada a EQIF para pais no intuito de coletar dados referentes à percepção da qualidade das interações familiares por meio do relato dos pais, ou seja, a presença de relações de qualidade (Weber, Viezzer & Brandenburg, 2003). Também foram realizadas entrevistas com roteiro semiestruturado, nos Centros Municipais de Atendimento Especializado (CMAEs), espaços onde os estudantes frequentam e participam dos programas de atendimento educacional especializado para Altas Habilidades/Superdotação.

Cabe destacar que os partícipes da pesquisa citados na discussão e análise dos dados (estudantes, pais e mães) estão com nomes fictícios para preservar a identidade dos mesmos.

Resultados e discussão

Conforme a EQIF, “Punição física” corresponde à palmada ou “surra” utilizada pelos pais para corrigir ou controlar o comportamento dos filhos; a “Comunicação Negativa” diz respeito às maneiras inadequadas dos pais falarem com seus filhos, tanto no conteúdo como na forma de expressão; e o “Clima conjugal negativo” demonstra se os pais interagem de forma agressiva entre si. Estas escalas serviram como parâmetro para selecionar os alunos para a composição do grupo das **“Famílias com Interações Qualitativamente Inconsistentes ou Precárias”**.

Já, as escalas consideradas “positivas” foram relacionadas ao grupo de **“Interações Qualitativamente Positivas”**; citam-se a percepção dos filhos/estudantes sobre o “Clima Conjugal Positivo” e a “Comunicação Positiva”. Alicerçado no STAA, foram escolhidas estas escalas porque, a princípio, sugerem alteridade, linguagem e afetividade.

Como exemplo destes dois grupos, serão apresentados inicialmente os resultados de duas crianças que se inserem nestes dois grupos: Mateus (10 anos), principalmente porque indicou que os pais usam a punição; e percebeu “Clima conjugal negativo”; e Giovanna (10 anos) por ter apresentado altos escores nas escalas de “Clima Conjugal Positivo” e na “Comunicação Positiva”.

Mateus, um dos alunos escolhidos para compor este grupo de análise, por seus resultados na EQIF, demonstrou principalmente a punição (aspecto este que não foi percebido e/ou relatado por seus pais). Mateus também narrou uma situação de desaparecimento de sua “meia-irmã” e o apoio que deu para a mãe no processo de busca. Ela relata que o filho é “muito maduro em relação a nossa família”. A fala de Mateus buscou dar estabilidade à mãe: “Calma, mãe. Mãe, não adianta, se a Vic não aprender pelo amor ela vai aprender pela dor. Eu não conseguia parar de chorar”. O pai de Mateus, por sua vez, percebe o receio que o filho tem para falar de si mesmo, o que é revertido após tentativas de diálogo (Sakaguti, 2017, p.238-239)

Para ilustrar a influência do aspecto ambiental/social nos processos de construção da resiliência e criatividade, a forma como as famílias se auto percebem, os valores e as crenças que as capacitam na resolução dos problemas diários, ilustram-se as seguintes respostas dadas pelos pais participantes:

“Família é o porto seguro de onde tiramos os valores e os exemplos, e com quem podemos contar sempre, independente da situação. Amigo vai, amigo vem, ex-namorado... Mas pai e mãe estão ali, sempre.” (Letícia, mãe de Guilherme).

“A família é o sentido da nossa vida.” (Pedro, pai de Giovanna e de Roberto Carlos, irmãos).

Casa significa acolhimento [...] Uma família escuta os problemas. A felicidade de estar com a família, o amor, a união. Todas as famílias têm problemas, mas depende de como a família lida com isso. Para resolver o problema é preciso união. Os sentimentos. Pode ter momentos ruins e alegres. Quando estamos perdidos a família estará sempre de braços abertos. Este é o meu pensamento de família e a minha é assim. (Giovanna)

A partir das falas dos participantes, pode-se observar que a forma como os próprios pais veem a família tem relação direta com interações de qualidade. A configuração familiar possui relação direta com os mecanismos criados para o desenvolvimento da resiliência; quando a mãe do Guilherme (9 anos) diz que sua família é um “porto seguro”, mostra que a família percebe as diferenças que constituem os seus membros, dentre os quais, a superdotação, e as valoriza, tornando-se um porto seguro para seus membros (Pérez, 2008). Para a mesma autora, há três situações que podem acontecer no ambiente familiar de pessoas com AH/SD (PAH/SD), a saber:

[...] uma, quando a família percebe as diferenças das PAH/SD e as valoriza, tornando-se um porto-seguro para essa pessoa; outra quando, mesmo detectando essas diferenças, a família se nega a reconhecê-las, não as valoriza ou as esconde; e uma terceira situação, quando ela supervaloriza essas diferenças, colocando expectativas exageradas na PAH/SD e exigindo-lhe um superdesempenho (Pérez, 2008, p. 2).

Outra dimensão analisada no construto do processo da resiliência é notada no relato do pai de Giovanna e de Roberto Carlos (14 anos) quando ele se refere à família como o “sentido da vida”. Para Frankl (2015), uma das maneiras para descobrir o sentido da vida é a atitude que cada pessoa toma diante do sofrimento, ou seja, ser capaz de transformar criativamente as adversidades em algo construtivo para a vida. O ditado popular que diz “se a vida te der limões, faça uma limonada” retrata bem a

dimensão criativa da resiliência nesta capacidade do ser humano de se recriar diante dos desafios e das dificuldades.

A fala de Giovanna configura a identidade de sua família como feliz, a “felicidade de estar com a família”; e mostra os recursos necessários como união, sentimentos, amor, contidos no interior da família (self, dimensão recursiva), e que ela pode acessar quantas vezes for necessário. Reconhece que “todas as famílias têm problemas” e a resolução destes problemas “depende de como a família lida com isso” (resiliência); tudo modulado pela alteridade, no acolhimento do outro. Identidade, self, resiliência e alteridade se caracterizam como instâncias psicológicas que integram a célula psíquica proposta pelo STAA, utilizada para analisar e fornecer explicações para o desenvolvimento socioemocional dos sujeitos (Sant’Ana-Loos & Loos-Sant’Ana, 2013 d).

A Tabela 1 expõe a classificação total dos resultados obtidos pelos 15 estudantes na *Escala de Resiliência para Crianças e Adolescentes (ERCA)* em cada uma das três sub-escalas a seguir:

Tabela 1

Resultados da Escala de Resiliência para Crianças e Adolescentes (ERCA)

Classificação	Pontuação	Controle	Capacidade e Relacionamento	Reatividade Emocional
Alta	≥60	8	13	
Acima da Média	56-59			
Média				
Média	46-55	5	1	1
Abaixo da Média	41-45			
Baixa	≤40	2	1	14

Fonte: Dados coletados pela autora

Com base na Tabela 1, verificou-se que na escala **Controle**, oito estudantes apresentaram classificação alta, indicando elevado índice de resiliência; cinco estudantes apresentaram classificação média e dois estudantes baixa classificação, demonstrando baixo nível de características pessoais para a percepção de controle. Quanto à **Capacidade de Relacionamento**, treze estudantes obtiveram alta pontuação, um obteve pontuação na média e um obteve baixa pontuação. Altos níveis nesta escala indicaram assertividade, grau de conviver confortavelmente na presença de outros, receptividade ao apoio de outras pessoas e confiança e autenticidade em uma relação. Quanto à **reatividade emocional**, os resultados evidenciaram 14 estudantes com pontuação baixa, indicativo de resiliência. A pontuação média foi apresentada por um aluno, contudo, não é indicador de vulnerabilidade.

Pelos resultados gerais do grupo de estudantes, pode-se inferir que estes, em sua grande parte, apresentam elevada capacidade de resiliência, visto que os escores mínimos apresentados estão na classificação alta ou acima da média. Assim sendo, este grupo tem atributos pessoais que são significativos para o processo de resiliência e, por conseguinte, de criatividade.

É interessante observar que a pontuação dos atributos pessoais do processo de resiliência (escores altos de controle e de capacidade de relacionamento, baixa reatividade emocional a partir da ERCA) aparecem em ambos os grupos (com

interações qualitativamente precárias e com interações qualitativamente positivas) chamando a atenção para a sensibilidade como aspecto importante que representa o âmbito socioemocional, além de outros fatores que integram a escala de reatividade emocional, a recuperação e o prejuízo, por exemplo, que permite ao estudante lidar com situações adversas ou de limite, capacidade de se recuperar de uma perturbação de desequilíbrio emocional, e de se manter equilibrado emocionalmente quando perturbado (Barbosa, 2008).

Os resultados da ERCA comprovam elevados índices de sensibilidade, construto este que está associado ao desenvolvimento emocional. A sensibilidade é uma peculiaridade do indivíduo superdotado, constituindo-se no recurso utilizado para coletar dados disponíveis dentro de uma realidade (Sant'Ana-Loos & Loos-Sant'Ana, 2013d) e manifesta-se de forma mais acentuada.

O alto nível de sensibilidade destes estudantes indica a existência de uma super-sensibilidade, tratada na Teoria da Desintegração Positiva de Dabrowski como uma peculiaridade constitutiva de pessoas talentosas e criativas, revelando “elevada intensidade para responder aos estímulos internos e externos, o que significa ser mais intenso, sensível, perceptivo, persistente e enérgico” (Virgolim, 2016, p.4).

A super-sensibilidade emocional tratada por Dabrowski, comum em indivíduos superdotados, ajuda a compreender as peculiaridades de uma criança com elevado nível de resiliência. Diante dos resultados, não foram encontrados, neste grupo, indicadores de vulnerabilidade, perturbação ou um baixo limiar de tolerância à ocorrência de eventos adversos, e dificuldade de autorregulação das emoções atrelada à vulnerabilidade ao desenvolvimento de patologias. Desconsidera-se assim, a vulnerabilidade como característica intrínseca desta população (Sakaguti, 2017, p.236).

Ao se aprofundar um pouco mais no interior das famílias por meio da entrevista semiestruturada com os pais, procurou-se analisar como ocorre o enfrentamento dos desafios. Ao ser perguntado aos pais se eles têm alguma **dificuldade em lidar com a superdotação de seus filhos**, tem-se como por exemplo, o relato da mãe de Giovanna, que indica sua preocupação e atual dificuldade em lidar com as expressões psicossomáticas manifestadas pela filha:

“Desde pequeninha, Giovanna resolvia tudo sozinha. Então, o que você faz se a pessoa vai e resolve? Você deixa resolver. Só que ela começou a perceber que: não, espere aí! Tem alguma coisa errada. O pai recebe atenção, o Roberto Carlos, e eu tenho que me virar sozinha? Então vou criar algumas coisas aí... E começaram os problemas com ela: não dormir, chorar, chorar, chorar, problemas de saúde também. E a psicóloga fala que por este choro, esta crise, ela faz entender que é isso, que ela está querendo... Eu também! Ela já me chamou, chamou o pai com a Giovanna, depois vai chamar o Roberto Carlos. Porque o Roberto Carlos, quando ele estava no ... [escola], era vômito, cólica, dor de barriga. E a Giovanna está tendo tudo isso agora” (*Malu, mãe da Giovanna*).

Ferreira e outros (2006, p.619) constaram que há forte correlação entre “níveis agudos e crônicos de estresse com uma supressão da resposta imune”. A interrelação entre construtos do desenvolvimento da psique humana (identidade, self, resiliência e alteridade) e o sistema imune tem-se mostrado promissor no entendimento de certas expressões psicossomáticas devido à sensibilidade intensa de alguns superdotados.

É sabido que corpo são ou doente pode estar transmitindo uma mensagem à família. Giovanna está clamando “eu também” quero atenção. A família toda foi afetada (e afeta) quando a mãe, Malu, diz “Giovanna resolvia tudo sozinha. Então, o

que você faz se a pessoa vai e resolve? Você deixa resolver”. A família busca, em conjunto, e contando com a ajuda de uma psicóloga, superar (resiliência/criatividade) as dificuldades que encontram na relação entre seus membros. A mãe valida os sentimentos de Giovana demonstrando relações de alteridade com a filha. E Giovanna evidencia uma super-sensibilidade emocional, comum aos superdotados e criativos, a uma das cinco áreas de super-sensibilidade da Teoria de Desintegração Positiva de Dabrowski (Virgolim, 2010).

Sabatella (2013) afirma que a super-sensibilidade é percebida pelos pais desde tenra idade, dentre outros aspectos, é apresentada por sentimentos exaltados e intensos da criança, como por exemplo, expressões psicossomáticas; intuição com alta sensibilidade, significando estar felicíssimo, quando feliz; tristíssimo, quando triste, irritadíssimo, quando irritado.

Já, Luisa, mãe de Mateus relata que “Mateus é muito mal-educado” e sua dificuldade em manejar o comportamento do filho. Comumente, comportamentos malcriados referem-se ao desrespeito aos direitos, limites, sentimentos e pensamentos de outras pessoas; nisto é importante um ambiente que corrija e redirecione para uma forma mais educada de responder às situações do dia a dia (Conte; Regra, 2007), sendo possível a partir da qualidade das interações. Luisa afirma que resolve “do jeito errado”, pois “grita com ele” e percebe seu descontrole ao dizer que “depois eu me arrependo e peço desculpas; me machuca”. Esta forma de comunicação é percebida como negativa por Mateus quando diz “precisa gritar? não precisa gritar, é só falar”. Outra questão que envolve a percepção de sua falta de controle emocional é quando diz “eu não bato nele; às vezes vou dar um tapa nele e falo: Mateus! Olha o que você me fez fazer...”. Diante desta situação, a mãe olha para si mesma e fala “eu sou muito banana”.

O pai de Mateus relatou sobre o receio que o filho tem em falar sobre si mesmo, explicando que:

“Tem muitas vezes que ele tem receio de falar alguma coisa dele para mim. Daí eu chego e pergunto para ele; porque a gente conhece...Eu pergunto: está acontecendo alguma coisa? Ele enrola... mas daí acaba falando.” (Carlos, pai de Mateus).

Observou-se a percepção do pai de Mateus que busca dialogar com o filho, e a baixa autoestima, a autovalorização, a falta de orientação da mãe quanto às formas de adequadas de comunicação que poderiam ter resultado nestas dificuldades na interação entre mãe e filho. No entanto, a partir do STAA, este caos interno pode ser visto como uma oportunidade positiva, na medida em que ativa a necessidade de desenvolvimento de recursos (self) na busca de uma comunicação interpessoal benéfica para a mãe com os seus, em prol da harmonia nas interações. Ou seja, são situações que podem ser analisadas numa outra perspectiva. As crises são ótimas oportunidades para que a criatividade seja acionada.

Ainda em relação à questão sobre as dificuldades dos pais, vale trazer também o relato da mãe de Diego, adolescente de 14 anos, partícipe do grupo de interações qualitativamente inconsistentes. Ele apresentou na EQIF, igualmente, índice muito baixo de “Comunicação Positiva” com a mãe, no entanto, para ela há, de certa maneira, “Comunicação Positiva” com o Diego, seu filho. De acordo com a mãe a superdotação é algo muito ruim:

A única coisa que me incomoda é o Diego, o jeito dele. Eu não sei, eu não consigo lidar com o Diego, por causa desse superdotado... Superdotado, para ele é muito ruim. Todo

lugar que eu vou eles falam que ele é superdotado. Mas superdotado do quê? Porque ao invés de pegar o superdotado dele para o bem, às vezes ele pega para o mal. Aí quer quebrar tudo, você não vence comprar as coisas. Comprei um guarda-roupa para ele. O guarda-roupa faz, o quê, uns quatro meses, está lá sem porta, sem nada. Porque o que ele pega ele destrói na hora da raiva. Não pode bater em mim, não pode pegar a avó dele, ele faz as coisas assim. Ele não sabe lidar no momento da emoção (Inês, mãe de Diego).

Inês vê a condição do filho de uma forma depreciativa. Embora a identidade de Diego como um adolescente com AH/SD seja reconhecida pelas pessoas de seu entorno, escola e do serviço de atendimento especializado da sala de recursos que frequenta, para a mãe é negada ou camuflada pelas reações agressivas de Diego, “porque o que ele pega ele destrói na hora da raiva”. A este respeito, Joly, Dias e Marini (2008) descrevem que a agressividade é um fenômeno multidimensional, apresentando uma constelação de variáveis em sua manifestação e manutenção, tais como: histórico familiar, situações e experiências estressantes, práticas e estilos parentais, dentre outros fatores.

Sobre a reação de Diego, cabe destacar os dados obtidos a partir da entrevista realizada com Inês, sua mãe:

O pai de Diego era alcoolista e “chegava em casa bêbado, batia e quebrava tudo”. Quando encontrava a porta fechada, quebrava a janela com o próprio punho. Inês tinha que preparar as refeições e deixar esfriar, pois, se a comida estivesse quente, ele jogava o prato com tudo na parede. E Diego assistia a estas e a outras situações. Inês já tomou medicação para depressão e ainda hoje, ao tentar falar sobre estes momentos sente “uma coisa ruim por dentro”, então acaba ficando quieta num canto. O nervosismo e o choro vêm à tona. Relata que a infância e adolescência de João foram marcadas pela teimosia, rebeldia e drogadicção, e que agora parece ter melhorado. Ele é pai de um bebê e Inês mostra com orgulho as fotos do neto (Sakaguti, 2017, p. 156).

Estas vivências negativas fornecidas pelos pais (Diego assistia a estas e a outras situações) e as próprias narrativas da mãe em relação ao seu filho acabam por afetar a construção da imagem que Diego tem de si mesmo. Diante disto, Virgolim (2007b, p. 44) ressalta que “uma imagem percebida como negativa a seu respeito pode fazê-lo se sentir ‘fora-do-padrão’, sentimento este que pode ser danoso, a menos que seja contrabalançado com uma visão de si mesmo como competente”.

Este é um aspecto a ser considerado na discussão das dificuldades apontadas pelos pais em relação à condição da superdotação e que gira em torno do autoconceito, ou seja, da imagem subjetiva que cada sujeito tem a respeito de si mesmo, o que inclui as crenças e as atitudes que apresenta, como também a percepção que tem dos outros sobre si (Loos & Casemiro, 2010; Virgolim, 2007b).

Como anteriormente mencionado por Joly, Dias e Marini (2008), o comportamento agressivo é, em grande parte, influenciado pelo modelo parental e que acaba afetando outros contextos (como o escolar), com a reprodução dos padrões de relações familiares que foram aprendidas e do próprio fracasso escolar decorrente desta conduta.

Por isso, frisa-se a necessidade de uma rede de apoio e da disponibilização de serviços com equipe multiprofissional ofertadas pelo meio. Os estudos de Dessen (2012) acentuam que tais redes de apoio colaboram na promoção do desenvolvimento da autoconfiança, da autonomia no gerenciamento da dinâmica familiar, além de

outros aspectos que contribuem para o fortalecimento pessoal. Este sistema de redes permite que mães e pais se “empoderem na direção de uma maior conscientização de seus direitos e de um maior envolvimento e participação nos atendimentos e programas de intervenção” (Dessen, 2012, p.20) visando ao enfrentamento dos desafios e das dificuldades que vivenciam diante das interações familiares.

Os estudos longitudinais apresentados por Freeman (2014) acentuam o caráter da qualidade das interações tanto na escola quanto no lar, pois, a forma como as pessoas do entorno reagem aos superdotados faz uma grande diferença no modo como as crianças lidam com suas habilidades especiais e desenvolvem seu senso de si mesmo até a vida adulta.

Contudo, nos estudos sobre o desenvolvimento humano não basta a figura de um outro. É reconhecida também a alteridade como uma necessidade interacional. Diante do que foi explanado, a dinâmica familiar pode influenciar a resiliência dos filhos. Ser resiliente não somente passa pelo suporte (ou não) dos pais e familiares, como também é internalizada pelos seus, na capacidade de cada um dos membros de se reconhecer, dentro da matriz interpessoal em que se movimenta, com quem constrói e estabelece relações saudáveis. A alteridade na família acontece nestas relações saudáveis e resulta em espaço de autonomia e de formação de autoconceito positivo.

Gottman e DeClaire (2001) confirmam este pensamento quando asseveram que uma das grandes responsabilidades dos pais e das mães é a de escutarem os filhos; portanto, é fundamental compreender as falas, os sentimentos, os pensamentos e as ideias dos filhos numa compreensão empática.

“A Giovanna é de conversar bastante. Entra no carro e vem falando até em casa. O Roberto Carlos é mais reservado, mais emotivo, bastante sentimental” (Malu, mãe da Giovanna e Roberto Carlos).

“A Giovanna sempre me chama para as questões de estudo. Para ajudar a resolver os problemas. Vejo que ela vai avançando e vai enxergando outras coisas. E ela quer discutir, conversar. O Roberto Carlos, desde pequenininho ia pescar comigo. Agora não quer saber. O negócio dele é outro.” (Pedro, pai de Giovanna e Roberto Carlos).

Conforme o Sant’Ana, Loos e Cebulski (2010), a alteridade é um processo de afetividade. Trata-se da dialética do afetar e ser afetado, onde o sujeito afeta e é afetado pelo meio que o envolve.

E, nesta perspectiva, a interação familiar permite a construção de recursos internos com os quais os filhos resilientes vão lidar com as adversidades. A forma como cada pessoa responderá às diversas dificuldades possibilitará o desenvolvimento da resiliência, ou seja, da capacidade da pessoa não se sucumbir diante dos desafios que lhe são impostos. O não resilir é proporcionado pela “aquisição de recursos internos afetivos e comportamentais [...], associados à disponibilidade de recursos externos – sociais e culturais” (Loos; Sant’Ana & Nuñez-Rodriguez, 2010, p. 154).

Salienta-se que estes suportes de resiliência não são inatos, mas construídos gradativamente no transcurso do desenvolvimento do ser humano e passam a operar como mecanismos de proteção.

Considerações finais

É notório o papel da família como um dos importantes pilares no desenvolvimento de todas as pessoas, inclusive daquelas com AH/SD ao proporcionarem apoio, confiança, interações repletas de alteridade, de práticas educativas flexíveis e sensíveis. Longe de responder conclusivamente aos vários constructos que envolvem a família, buscou-se neste trabalho, apresentar a relação entre criatividade e resiliência na *família superdotada*, expressão utilizada neste trabalho para a família onde há um ou mais membros com AH/SD.

A supersensibilidade emocional é um construto que ajuda a compreender as peculiaridades de uma criança com elevado nível de resiliência (sensibilidade), constituindo-se no recurso utilizado para acessar dados da realidade. Além disso, é importante destacar o papel da validação dos sentimentos dos filhos por parte dos pais que, a partir do reconhecimento desta forma peculiar de ser no mundo, buscam alternativas para resolver as dificuldades pelas quais estão passando. Ambos, pais e filhos com AH/SD vão construindo a identidade da *família superdotada*.

Todos passam por situações adversas, o desafio é de não se deixar sucumbir. Ser resiliente não só passa pelo suporte dado pelos membros da família assim como é internalizada pelos seus, na capacidade de cada um de se reconhecer. No enfrentamento de cada dificuldade ativa-se a dimensão criativa na medida em que se busca novos recursos para lidar com estas situações desafiadoras.

Ao ampliar a visão de fatores de risco, averiguou-se ainda que as dificuldades ou incapacidades do meio (familiar, escolar, social) de prover condições e recursos adequados, caracterizam-se como perigo para o desenvolvimento de desajustes, descompassos ou problemas afetivo-emocionais. Importante destacar que não se pretende transferir a “culpa” para a família, até porque, de acordo com os dados coletados, essa instituição precisa encarar e lidar com muitas situações, como por exemplo: percepção da superdotação como algo negativo, efeitos negativos da rotulação, altas expectativas de professores e pais, modelo idealizados de filho e aluno instituído culturalmente, papel da escola, preconceito na sociedade, falta de participação do pai e características da criança (senso de justiça, introspecção, independência, autossuficiência, argumentação, supersensibilidade motora e emocional).

Tais ocorrências exigem da família respostas que nem sempre estão aptas a disponibilizar, embora exista muita vontade de acertar. Por isso, frisa-se a necessidade de uma rede de apoio à família superdotada para orientações, esclarecimentos e estudos a respeito das temáticas que envolvem o desenvolvimento socioemocional e aprendizagem de estudantes com AH/SD.

Em famílias onde predominam indicadores de alteridade, de relações plenas de confiança há uma busca de rede de apoio para lidarem com as dificuldades comuns no desenvolvimento. Já, nas famílias onde há punição, ausência de diálogo e de alteridade, há indicativos de desajustamentos interacionais.

Ao entender a resiliência como uma capacidade criativa que permite a criação de novos recursos, pode-se afirmar que estudantes com AH/SD buscam acessar, de modo mais amplo e criativo, suas capacidades resilientes, o que indica que acionam

e, por conseguinte, dispõem de mais recursos psicológicos para lidarem com as vicissitudes das interações com o mundo. Desta feita, acredita-se na confluência entre a criatividade e resiliência construídas nas relações estabelecidas com e pela *família superdotada*.

Referências

- Almeida, L.; Oliveira, E. (2010). Los alumnos con características de sobredotación: la situación actual en Portugal. *Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 13 (1), p. 85-95. <https://www.redalyc.org/pdf/2170/217014922009.pdf>
- Barbosa, R. J. (2008). *Tradução e Validação da Escala de Resiliência para crianças e adolescentes de Sandra Prince-Embury*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Bland, L. C. & Sowa, C. J. (1994). An overview of resilience in gifted children. *Roeper Review*, 17 (2), pp. 77-81.
- Conte, F. C. S.; Regra, J. A. G. (2007). Assertividade em crianças. In: Conte, F. C. S. & Brandão, M. Z. S. (Eds.). *Falo? Ou não falo?* Expressando sentimentos e comunicando ideias (2.ed.rev.amp., pp. 97-110). Mecenias.
- Delou, C. M. C. (2007) O papel da família no desenvolvimento de altas habilidades/superdotação. In: Fleith, D. S. (Org.) *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: o aluno e a família*, v.3, pp. 49-59. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Escribano, M. C. L. (2003). *Necesidades de las familias con hijos superdotados*. Propuesta y evaluación de un programa de intervención psicoeducativa em el contexto familiar. Tese (Doutorado em Educação). Universidad Complutense de Madrid.
- Fleith, D. S. (2007). Altas Habilidades e desenvolvimento socioemocional. En: D. S. Fleith e E. S. A. Alencar. (Orgs.) *Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação a pais e professores*. Artmed, pp. 41-50.
- Ferrándiz, C.; Prieto, M. D.; Fernández, M. D.; Soto, G.; Ferrando, M.; Badía, M. M. (2010). Modelo de Identificación de alumnos con altas habilidades de Educación Secundaria. *Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, REIFOP, 13 (1), pp. 63-74. <https://www.researchgate.net/publication/42319620>
- Ferreira, V. R. T.; Müller, M. C.; Jorge, H. Z. (2006). Dinâmica das relações em famílias com um membro portador de dermatite atópica: um estudo qualitativo. *Psicologia em Estudo*, 11, (3), 617-625. <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a17.pdf>
- Frankl, E. V. (2015). *Em busca de sentido* (28ª ed.) Vozes.
- Freeman, J. (2014). Um estudo comparativo de 35 anos com crianças identificadas como superdotadas, não identificadas como superdotadas e com habilidades

- médias. (Trad. Susana Graciela Pérez Barrera Pérez). *Revista Educação Especial*, 27(50), pp. 563-581.
- Freeman, J.; Guenther, Z. (2000). Educando os mais capazes: ideias e ações comprovadas. EPU.
- Grotberg, E. H. (2002). Nuevas tendencias en resiliencia. En A. Melillo & E. N. S. Ojeda (Orgs.). *Resiliencia: descubriendo las propias fortalezas*, Paidós, pp.19-30.
- Joly, M. C. R. A.; Dias, A. S. & Marini, J. A. S. (2009). Avaliação da agressividade na família e escola de ensino fundamental. *Psico-USF*, 14 (1), pp. 83-93. <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v14n1/a09v14n1.pdf>
- Landau, E. (2002). *A coragem de ser superdotado*. Arte e Ciência.
- Loos, H., Sant'ana, R. S. & Nuñez-Rodríguez, S. I. (2010). Sobre o sentido do eu, do outro e da vida: considerações em uma ontologia acerca da alteridade e da resiliência. En E. Guérios & T. Stoltz (Orgs.) *Educação e Alteridade*, pp.140-150.
- May, K. M. (2000). Gifted children and their families. *The family journal*, 8 (1), pp. 58-60. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1066480700081008>
- Murata, M. P. F. (2013). *Vulnerabilidade e resiliência: fatores de risco e proteção em escolares com necessidades educativas especiais*. Tese (Doutorado), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil.
- Oliveira, M. A. & Nakano, T. C. (2011). Revisão de pesquisas sobre criatividade e resiliência. *Temas em Psicologia*, 19 (2), pp.467-479.
- Olszewski-Kubilius, P., Lee, S. & Thomson, D. (2014). Family environment and social development in gifted students. *Gifted Child Quarterly*, 58 (1), pp.199-216.
- Ourofino, V. T. A. T. & Guimarães, T. G. (2007). Estratégias de identificação do aluno com altas habilidades/superdotação. En D. S. Fleith (org.). *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: orientação a professores*, 41-51. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Paludo, K. I.; Loos-Sant'Ana H. & Sant'Ana-Loos, R. S. (2014). *Altas habilidades/superdotação: identidade e resiliência*. Biblioteca Juruá de Pesquisas em Afetividade Ampliada. Juruá.
- Paludo, K. I. & Virgolim, A. M. R. (2017). O papel das crenças autorreferenciadas na constituição da identidade da pessoa superdotada. *Anais do Educere*, PUCPR, pp.2367-13470. https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23267_13470.pdf
- Pérez, S. G. P. B. (2008). Por uma construção sadia da identidade da pessoa com altas habilidades/superdotação. *Anais do III Encontro Nacional do ConBraSD, III Congresso Mercosul sobre Altas Habilidades/Superdotação, VI Encontro Estadual Repensando a Inteligência*, Canela, RS.
- Prieto, M. D.; Castejón, J. L. (2000). *Los superdotados: esos alumnos excepcionales*. Aljibe.

- Renzulli, J. S. (2004). O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. (Trad. Susana Graciela Pérez Barrera Pérez). *Revista Educação*, 1 (52), pp.76-131.
- Renzulli, J. S. & Gaesser, A.H. (2015). Un sistema multi-criterial para la identificación del alumnado de alto rendimiento y de alta capacidad creativo-productiva. *Revista de Educación*, 368, pp. 96-13.
- Renzulli, J. S. & Reis, S. M. (1997). *The Schoolwide Enrichment Model – A how-to guide for educational excellence*. Creative Learning Press.
- Rooke, M. I. & Pereira-Silva, N. L. (2016). Indicativos de resiliência familiar em famílias de crianças com síndrome de Down. *Estudos de Psicologia*, 33 (1), pp. 117-126.
- Sabatella, M. L. P. (2013). *Talento e superdotação: problema ou solução?* Intersaberes.
- Sakaguti, P. M. Y. (2017). *As interações familiares no desenvolvimento afetivo-emocional do indivíduo com altas habilidades/superdotação: a questão do asincronismo*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil.
- Sakaguti, P. M. Y. (2010). *Concepções de pais sobre as altas habilidades/superdotação dos filhos inseridos em atendimento educacional especializado*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil.
- Sakaguti, P. M. Y. & Bolsanello, M. A. (2013). Filhos com altas habilidades/superdotação: sentimentos, dificuldades e expectativas dos pais. *Revista Brasileira de Altas Habilidades/Superdotação*, 1 (1), 78-86.
- Sant'Ana, R. S.; Loos, H. & Cebulski, M. C (2010). Afetividade, cognição e educação: ensaio acerca da demarcação de fronteiras entre os conceitos e a dificuldade se ser do homem. *Educar em Revista*. Editora da UFPR, 36.
- Sant'ana-Loos, R. S. & Loos-Sant'Ana, H. (2013a). A *Afetividade Ampliada* enquanto meta-teoria: breve ensaio acerca do que nos faz humanos e repercussões para a Psicologia. *PsicoDom*, 12, 9-25. <https://www.researchgate.net/publication/327616030>
- Sant'ana-Loos, R. S. & Loos-Sant'Ana, H. (2013b). Sistema Teórico da *Afetividade Ampliada* e a noção de interação: breve síntese epistemológica – Parte I (Acerca da unificação da realidade e do método científico). *PsicoDom*, 12, 26-41. <https://www.researchgate.net/publication/327613209>
- Sant'ana-Loos, R. S. & Loos-Sant'Ana, H. (2013c). Sistema Teórico da *Afetividade Ampliada* e a noção de interação: breve síntese epistemológica – Parte II (Acerca da anacronia entre teoria e prática). *PsicoDom*, 12, 42-59. <https://www.researchgate.net/publication/327619022>
- Sant'ana-Loos, R. S. & Loos-Sant'Ana, H. (2013d). Célula Psíquica: a face estrutural da unidade básica da psique conforme a *Afetividade Ampliada*. *PsicoDom*, 12, 60-78. <https://www.researchgate.net/publication/327619012>

- Silva, N. C. (2014). *Autorregulação psicológica e autoavaliação por meio de portfólios com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental à luz da afetividade ampliada*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná.
- Souza, P. C.; Loos-Sant'Ana & Sant'Ana-Loos (2013). Arte para Crianças Hospitalizadas: Desenvolvimento Humano, Afetividade e Resiliência. *PsicoDom*, 12, 148-164.
- Smutny, J. F. (2011). Why am I here? What makes the world so unfair? Reaching out to the questing gifted child. In: Jolly, J. L.; Treffinger, D. J.; Inman, T. F.; Smutny, J. F.(Orgs.). *Parenting gifted children: the authoritative guide from the National Association for Gifted Children*. Waco, 440-453.
- Tieso, C. L. (2007). Patterns of overexcitabilities in identified gifted students and their parents: a hierarchical model. *Gifted Child Quartely*, 51, (1), pp.11-22.
- Weber, L. N. D.; Salvador, A. P. V.; Brandenburg, O. J. (2009). Escalas de Qualidade na Interação Familiar – EQIF. In: Weber, L. N. D.; Dessen, M. A. (Orgs.). *Pesquisando a Família: instrumentos para coleta e análise de dados*. Juruá, 57-68.
- Weber, L. N. D.; Viezzer, A. P.; Brandenburg, O. J. (2003). Validação do Instrumento EQIF (Escalas de Qualidade da Interação Familiar). En: *Anais Eletrônicos do XII Encontro Anual da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental*, 276-277.
- Virgolim, A. M. R. (2007 a). *Altas Habilidades/superdotação: encorajando potenciais*. Brasil. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Virgolim, A. M. R. (2007 b). O desenvolvimento do autoconceito. En: D. S. Fleith (Org.). *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades.superdotação: atividades de estimulação de alunos*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 35-53.
- Virgolim, A. M. R. (2010). Aspectos Emocionais e Assincrônicos da Superdotação. *Anais do I Congresso Internacional sobre Altas Habilidades/Superdotação*.
- Virgolim, A. M. R. (2016). Questões afetivas e emocionais das pessoas com altas habilidades/ superdotação. *Anais do VII Encontro Nacional do Conselho Brasileiro para Superdotação*.
- Winner, H. (1998). *Crianças superdotadas: mitos e realidade*. Artes Médicas.